

Por vontade expressa do autor, a presente edição não segue a grafia do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

info@marcador.pt
www.marcador.pt
facebook.com/marcadoreditora

© 2015
Direitos reservados para Marcador Editora
uma empresa Editorial Presença
Estrada das Palmeiras, 59
Queluz de Baixo
2730-132 Barcarena

Título: *O Almirante Português*
Autor: Jorge Moreira Silva
Revisão: Joaquim E. Oliveira
Paginação: Maria João Gomes
Capa: Épica Prima
Ilustrações: © Alejandro Colucci
Ilustração na capa da baía de Nápoles: *A British merchantman amidst local craft in the Bay of Naples*, atribuída a John Thomas Serres
Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.

ISBN: 978-989-754-171-1
Depósito legal: 394 706/15

1.ª edição: Julho de 2015

ÍNDICE

Trinta anos depois	7
Caminhos convergentes	13
Nápoles	81
Destinos	237
Regresso	265
Apêndices	269
Explicação aos leitores	271
Cronologia	275
Glossário	279



TRINTA ANOS DEPOIS

Quando o carrasco o empurrou da escada de madeira, deixando-o suspenso no vazio, Moreira Freire sabia que estava a pagar uma dívida com trinta anos, o tempo que conseguira adiar aquele encontro com a morte. E sabia que a multidão ululante que o invectivava e, momentos antes, lhe rogara pragas ao longo do trajecto para a forca, era, no fundo, a mesma turba anónima e covarde que, três décadas antes, festejara, alarve e despudoradamente, em Nápoles, a execução de Leonor Pimentel. Sempre considerara que o Povo, no conceito nobre e abstracto que a Revolução Francesa lhe atribuíra, merecia ser protegido da Tirania e educado no sublime princípio da Liberdade, mas a ingratidão e a baixeza da população jamais tinham deixado de o repugnar, onde quer que se manifestassem. Caracciolo, ao menos, tivera a fortuna de ser poupado à presença de tão vil plateia, embora, tal como ele – e como a Pimentel (sempre ela!) –, não tivesse podido evitar aquela forma abjecta de morrer.

Oh, sim! Bem chegara a imaginar-se diante de um pelotão de fuzilamento, envergando o seu uniforme da Brigada Real de Marinha – em vez daquela ridícula alva de penitente! –, dando ele próprio a ordem de fogo e tombando, de uma vez só, após a primeira descarga das armas... Mas jamais tivera ilusões, pois nunca os déspotas alguma vez cuidaram da dignidade das suas vítimas. A própria sentença que o condenara a morrer de «morte natural para sempre na forca» – onde, pela última vez, se fizera uma breve referência ao seu posto de brigadeiro, antes de passar a designá-lo, simplesmente, como «réu Alexandre Manuel

Moreira Freire» – fora bastante clara quanto à perda de todos os privilégios e honras militares a que tivera direito.

E tudo aquilo pelo bem do Povo! Ou talvez não, pois muitas vezes se perguntara se não o fizera apenas para saldar a sua velha dívida de gratidão... Claro que não fora ingénuo a ponto de pensar que as massas populares pudessem ter aderido espontaneamente à sua tentativa de levantamento contra o Usurpador. Não. O «bom Povo» só desperta da sua modorra quando é arrastado por uma vaga de fundo. Tivesse ele sido capaz de sublevar a Brigada, como planeava, e, muito provavelmente, aqueles que ali clamavam «Deus guarde o Senhor D. Miguel!» estariam, antes, a vociferar «Morra o tirano!». Contudo – e apesar das atitudes rebeldes que tantos dissabores lhe haviam causado ao longo da carreira –, nunca as manhas de conspirador se haviam jamais contado entre os seus parques talentos. Um par de indiscrições suas tinha facilitado o trabalho ao delator e, sobretudo, deixara que, no momento da verdade, o nervosismo da sua atitude o denunciasse. Não que tivesse tido medo – longe disso! –, mas temera, isso sim, pela vida de Jacinto, que insistira em juntar-se-lhe naquela malfadada empresa. Pobre rapaz! Tão novo e já a caminho de África, condenado a perpétuo degredo!... Pelo menos os seus tenros dezassete anos tinham-lhe evitado a pena de morte, sorte que não tivera o seu camarada António Chaby. E o juiz, na severidade que se lhe impunha e nos rigores da lei a que estava jurado, fora suficientemente humano para não o obrigar a assistir ao suplício do pai. Por outro lado, a sua juventude era a melhor garantia de, um dia, poder recompor a vida, uma vez consumada a inevitável derrota dos realistas, cuja causa estava, à partida, condenada. Mais cedo ou mais tarde, a conjuntura acabaria por se inverter e os juízes tornar-se-iam réus. Nesse dia, Jacinto veria o seu nome devidamente reabilitado, assim como o de toda a família. Com isto, Moreira Freire lembrava-se também da sua Maria Leonor e da pequena Ana Emília, que lhe deixava, desamparada, nos braços. Os tempos que se avizinhavam seriam para elas extremamente duros, embora restasse a esperança de que muito em breve o seu sacrifício seria largamente recompensado.

Talvez o brigadeiro não tivesse pensado em tudo isto no preciso momento em que era empurrado – ou se lançava a si próprio? – para a morte. Possivelmente, muitas destas cogitações já as fizera – ou,

pelo menos, iniciara – no cárcere. Certo é que o fio do pensamento se lhe interrompeu naquele instante. O seu peso fez retesar a corda e uma dor aguda explodiu-lhe entre as vértebras cervicais repuxadas, enquanto mil clarões lhe faiscavam diante dos olhos. Era o fim! Sê-lo-ia?

Bem o desejara, mas o sufocante aperto do laço e as convulsões do corpo vieram, cruelmente, mostrar-lhe que estava vivo e que, muito provavelmente, ainda o aguardavam longos minutos de agonia. Tentou controlar os espasmos (não era coisa bonita de se ver!), mas as suas pernas pareciam ter vida própria. A corda que lhe oprimia as carótidas e as jugulares, congestionando-lhe o fluxo sanguíneo, negava-lhe o domínio do próprio corpo. A falta de ar tornava-se aflitiva e a cabeça parecia querer estourar. Na sua mente, onde as ideias se começavam a toldar, só parecia restar o desejo de que tudo acabasse...

Chegavam-lhe ainda aos ouvidos os apupos da assistência que enchia o Cais do Sodré. Os poucos amigos que vislumbrara entre a floresta de punhos erguidos – incluindo os «primos» carbonários (cujo radicalismo o afastara da ideia de jurar a causa) –, mantinham-se, obviamente, em silêncio, que o ambiente não era propício a outra atitude. Súbita e inesperadamente, pareceu distinguir, entre o clamor da multidão, o toque suave de um bandolim. Delirava no seu desespero? Não, não sonhava. Alguém fazia soar uma doce melodia napolitana que, pouco a pouco, se impunha à vozearia, cada vez mais fraca. Não via o tocador, mas sabia quem era, oh, se sabia! Aquele rapaz – para ele nunca deixara de o ser – era o Diabo!

Parara de se contorcer e já nem sentia as dores. No quase aprazível torpor que se ia infiltrando no seu corpo, até mesmo a necessidade de respirar parecia ter deixado de existir. Alguém lhe trazia de volta os preciosos ecos mediterrânicos que nem o tempo passado em Angola e no Brasil tinha conseguido apagar. Sentia, de novo, junto a si, reconfortando-o, a sua doce Vittoria, enquanto, à sua volta, se materializavam, vindas das sombras, as fortes presenças do marquês de Nisa, do Dr. Cirillo, dos *captains* Ball e Troubridge, e até do almirante Nelson – aquela raposa rezingona! Talvez tudo isto fosse, finalmente, a morte a chegar. Porém, era como se vivesse tudo de novo, não a sua vida completa, mas um momento para o qual toda ela convergia. E – maravilha das maravilhas – não era só ele a fazê-lo, pois outros

vultos do passado e do presente se lhe juntavam, ali, no reviver de uma grande memória colectiva.



CAMINHOS CONVERGENTES

I

– Quer mesmo servir na Armada?

Com a atenção presa na mesa do lado, Pinto Guedes fez um breve compasso de espera antes de responder à pergunta do oficial.

– Quero, sim, Senhor Tenente. O que tenho de fazer?

O militar inglês de casaca vermelha continuava a vociferar na sua língua estranha, da qual só ocasionalmente apanhava no ar uma ou outra palavra. Mas compreendeu o tom arrogante e zombeteiro com que se dirigia à criada e a rudeza de modos com que, repetidamente, a agarrava pelo peito do vestido e a puxava a si, bafejando-a com o seu hálito avinhado.

– Sabe que já não é muito novo para voluntário – hesitava o oficial. – Enfim, vejo que tem alguns estudos. Porque esperou até aos dezanove anos para se oferecer?

– Porque a minha família me queria para padre – respondeu Pinto Guedes. – Fui mandado para o Convento dos Cónegos de São João, mas não aguentei mais e fugi.

– Bem, talvez se arranje qualquer coisa. Vou levá-lo ao Arsenal para o podermos alistar.

O inglês continuava com a vozearia, enquanto o homem sentado ao seu lado – trajando um uniforme de oficial da Armada bastante surrado e com um aspecto latino que contrastava fortemente com o do loiro fanfarrão – tentava, em vão, acalmá-lo. Não podendo aguentar mais, Pinto Guedes levantou-se e dirigiu-se, em francês, ao agitador:

– É melhor controlar-se, Senhor, pois o seu comportamento está a passar das marcas. Lembro-o de que não está em sua casa.

O interpelado pareceu momentaneamente desarmado com a inesperada admoestação, mas, passada a surpresa inicial, desatou aos berros com o atrevido mancebo que ousava dirigir-lhe a palavra.

– Vós, Portugueses, sois a raça mais reles e vil que já surgiu sobre a Terra! Sois feios, porcos e cobardes! O que seria do vosso miserável país sem a Inglaterra? Nada mais do que uma província de Espanha. Devíeis agradecer, de joelhos, aos súbditos de Sua Britânica Majestade, por vos protegerem o couro e se dignarem ensinar-vos boas maneiras de vez em quando. Enfim – prosseguiu, num tom um pouco mais calmo, mas de acentuado desprezo –, aproveitam-se as vossas mulheres, porque, de resto, esta cidade suja nem merecia a nossa presença, quanto mais o dinheiro que aqui deixamos em troca desta mixórdia a que chamais vinho!

– Pois dai graças a Deus por terdes nesta «cidade suja» um porto amigo, onde os vossos marinheiros se podem refrescar, em vez de uma costa hostil em que teríeis de lutar pelo direito de passagem – replicou o indignado efebo. – E temos tomado bem conta de nós sem a vossa ajuda, pois se esperássemos por ela, ainda hoje teríamos no trono um rei espanhol. Quanto à «mixórdia» que aqui bebeis, deve ser bem melhor do que a água suja que tomais por cerveja, pois já vi vários tonéis dela a serem embarcados nos vossos navios.

O inglês pusera-se muito vermelho, como se estivesse prestes a rebentar, mas não proferiu uma palavra. Em vez disso, ergueu-se de rompante e, no mesmo ímpeto, assentou um potente murro na cara do jovem insolente, fazendo-o cambalear dois metros à retaguarda. O oficial português correu a segurar o agressor, o que só conseguiu, muito a custo, com a ajuda do estrangeiro de aspecto latino.

– Pedimos desculpa – disse este último. – Aqui o meu camarada já bebeu de mais e, sendo da Infantaria de Marinha, tem o sangue um pouco mais quente do que os outros.

Curiosamente, falara em italiano, esperando, talvez, fazer-se entender melhor. E a verdade é que as suas palavras tiveram o condão de acalmar os ânimos à sua volta.

– Leve-o daqui antes que chegue a ronda – ordenou o tenente. – Não queremos problemas com os vossos marinheiros, mas é bom que proibam esse desordeiro de voltar a pôr os pés em terra.

– Tomaremos as devidas precauções – respondeu o italiano. E, voltando-se para o dono da taberna enquanto deixava algumas moedas em cima da mesa: – Bom homem, este dinheiro é para o compensar pelo incómodo que causámos.

– Vejo que não é inglês... – observou o outro oficial. – Vem de Génova?

– Não. De Nápoles.

Nesse momento, um ruído no canto da sala chamou-lhes a atenção e ambos se voltaram, então, para Pinto Guedes, que se erguia, combalido, sangrando de ambas as narinas e do canto esquerdo da boca.

– Estás bem, rapaz? – perguntou o napolitano, agarrando-lhe no braço.

Mas Pinto Guedes não o ouvia. Com o olhar fixo no infinito, libertou-se dele e continuou a andar, cambaleante, em direcção à porta, enquanto o oficial português lhe seguia no encalço. Atrás deles, o brigão continuava a praguejar e a gesticular ameaças.

II

Quando os navios portugueses entraram na baía de Argel, viam-se grossas colunas de fumo sobre a cidade, mostrando que, apesar da acalmia que se verificava no momento, as operações de bombardeamento já tinham começado. Assim que a *Santo António e São José* deu fundo, D. Domingos acompanhou Ramires Esquível à nau-almirante, a bordo da qual D. Antonio Barceló os aguardava.

– Deus vos guarde, Senhor Almirante, e salve Sua Majestade o Rei de Espanha – saudou o comandante da força portuguesa.

– E que Ele vos guarde a vós e à Rainha de Portugal, amada sobrinha do nosso Rei – retribuiu o almirante. – É uma alegria poder contar convosco nesta gloriosa empresa que trará grande honra a toda a Cristandade. Quem é o garboso jovem que vos acompanha?

Com um gesto, o almirante português mandou avançar o seu imberbe acompanhante, que, timidamente, se aproximou dos dois comandantes.

– Tenho a honra de vos apresentar o meu Major de Esquadra, D. Domingos Xavier de Lima. Não vos deixeis enganar pelos seus fresquíssimos dezoito anos, pois, apesar de servir a nossa marinha há apenas três anos, já adquiriu muita experiência de mar e, acima de tudo, tem revelado grande talento. A sua sabedoria e o seu bom senso fariam, aliás, corar de vergonha alguns dos nossos oficiais mais antigos.

Mas era D. Domingos quem corava, ao ver-se alvo de tão rasgados elogios. Porém, ao fazer a vénia, sustentou com firmeza o olhar do almirante espanhol.

– Pois que seja muito bem-vindo – disse D. Antonio com grande afabilidade. – E que forças trazeis convosco?

– Dois navios de linha e duas fragatas, num total de duzentas e vinte e seis peças de artilharia – respondeu Ramires Esquível –, além de seiscentas e quarenta praças dos regimentos da Armada.

– Esplêndido, esplêndido! – regozijou-se D. Antonio. – Os vossos navios ajudar-nos-ão a interditar a baía e a cobrir a nossa retirada, se alguma vez for necessário. Quanto à vossa infantaria, se não virdes inconveniente, participará no assalto à cidade que quero lançar amanhã de manhã. Eu dirigirei pessoalmente o bombardeamento e, se quiserdes acompanhar-me, terei todo o gosto em colocar duas ou três lanchas-bombardeiras sob o vosso comando directo.

– Será uma honra, Senhor Almirante. Assim poderei apoiar e acompanhar mais de perto a acção das nossas tropas.

– Bravo! Amanhã, Argel sentirá na pele a fúria combinada de Espanha, Portugal, Nápoles e Malta, que, ao contrário dos hereges Ingleses, não negociam com os infiéis. Veremos se depois disto estes malditos Mouros continuarão a ousar atacar as nossas costas e a nossa navegação! Agora vinde e brindai comigo à vitória que em breve alcançaremos.



Dez dias de bombardeamentos e sete incursões pareciam não ter causado grandes danos na cidade, apesar da fumarada que se levantava entre o casario branco. Da *Nossa Senhora do Bom Sucesso* saiu mais um escaler apinhado de soldados.

– Força, meus bravos! – exortava-os Ramires Esquível do convés da lancha-bombardeira. – Mostrai que os Portugueses são os primeiros a avançar para a refrega e os últimos a retirar.

– A primeira vaga está a atingir a praia – informou D. Domingos, limpando a face enegrecida pelo fumo. – Mando interromper o fogo?

– Sim, sim – assentiu o comandante português. – E faça sinal àquele xaveco napolitano para recuar um pouco. Está a expor-se demasiado ao fogo inimigo.

– É o *Robusto*, do Tenente Caracciolo. Tem-se portado muito bem.

– Não duvido. Porém, é bom que ele se lembre do susto que apANHOU, há dias, o *Grande Chefe*. Se não tem sido D. José de Goicoechea

a socorrê-lo, tinha ido a pique com a falua. Mas deixemos, agora, a infantaria fazer o seu trabalho... embora não acredite que seja desta.

– Alguma coisa o preocupa, Senhor Almirante? – inquiriu o jovem oficial ao vislumbrar um certo desânimo na expressão do seu superior.

– Oh, não ligue, meu rapaz – sossegou-o o velho coronel-do-mar.
– Na verdade, nunca esperei que a cidade fosse tomada, apesar de a nossa artilharia ter rompido alguns troços das muralhas. Não que falte ânimo ou bravura às nossas gentes, mas viu que só muito a custo conseguimos abrir uma brecha na linha de barcaças artilhadas dos Mouros, mesmo depois de termos feito grande estrago na força naval que há dias fizeram sair contra nós. E, depois, o que podemos esperar de uma hoste tão heterogénea como a nossa? Cada contingente acaba por seguir o seu próprio chefe em acções independentes, que muitas vezes se descontrolam e descambam em inúteis rapinas. Com um pouco de sorte, lá conseguimos libertar um punhado dos nossos cativos... E depois? Matam-se uns sarracenos, destrói-se qualquer coisa e trazem-se alguns prisioneiros para obter o respectivo resgate ou para usar como moeda de troca nas negociações que se hão-de seguir. O importante era marcar uma posição de força, e isso já fizemos. De resto, o vento está a virar e em breve a nossa permanência na baía se tornará insustentável. Ou muito me engano ou D. Antonio não tardará a dar por findos os ataques e a ordenar o regresso da esquadra a Cartagena. Enfim, cumprimos brilhantemente a nossa missão, da qual resultou honra e lustre para Portugal. Naturalmente, exprimirei num rasgadíssimo louvor o meu reconhecimento pela sua valiosa colaboração, que decerto lhe garantirá a promoção a oficial superior.



Entre os escombros fumegantes do que fora a sua casa, Aïcha chorava convulsivamente, abraçada ao corpo inanimado do filho mais novo. Farouk bem lhe queria valer, mas o seu desespero e a sua desorientação não eram menores do que os da mãe.

Omar entrou de rompante, brandindo a cimitarra.

– Aïcha! Aïcha! – exclamou. – Que vos fizeram aqueles cães?!

Mas a desolação que o rodeava falava por si.

– Eles... Eles... Ousaram tocar-te?

Aïcha limitou-se a baixar os olhos para as vestes rasgadas.

– Não! Não! – lamentou-se Omar, erguendo os punhos aos céus.
– E jurei eu ao meu pobre irmão que te protegeria e defenderia a tua honra! Oh, Alá misericordioso! Deixei que te conspurcassem! Tivesse eu podido mandar hoje para o Inferno mil infiéis, que nem de longe teria bastado para me redimir da minha falha! Perdoa-me, Aïcha, perdoa-me!

Fechou os olhos, deixando as lágrimas correr-lhe pela face, e permaneceu imóvel durante alguns segundos, como que esperando por um lampejo de inspiração divina. Então, lentamente, virou-se para a cunhada e disse-lhe em voz baixa:

– Sabes o que tenho de fazer, não sabes?

A mulher suspirou, ergueu-se e dirigiu-se para um canto da casa, onde, com mil cuidados, deitou no chão o pequeno cadáver que tinha nos braços. Depois, foi ajoelhar-se aos pés do cunhado, tomando-lhe as mãos.

– Cuidarás do meu pequeno Farouk?

– Juro-o, pela minha vida – respondeu Omar, beijando-lhe a fronte. – Farei dele um homem do mar temido e respeitado como o foi o pai.

– Não podemos, ao menos, poupá-lo a este espectáculo?

A expressão do mouro tornou-se dura.

– É bom que ele assista. Assim terá consciência de que já nada o prende aqui e o seu coração endurecerá o suficiente para não o deixar fraquejar na sua busca de vingança.

Aïcha sorriu tristemente. Baixou a cabeça e lançou para a frente os longos cabelos negros, desnudando o colo delicado. Farouk, que até ali se mantivera em silêncio, percebeu, então, o que se iria seguir e libertou toda a angústia num grito pungente... no preciso momento em que tio erguia a espada no ar e a fazia descer com toda a força sobre o pescoço da mãe, separando-lhe a cabeça dos ombros com um só golpe. Ainda gritava quando o corpo decapitado, que se mantivera de joelhos por breves segundos, tombou surdamente no lajedo, gorgolejando jorros de sangue. Mas agora, estranhamente, a voz angustiada que lhe chegava aos ouvidos parecia-lhe vir de longe.

Omar limpou a lâmina ensanguentada no peito da própria túnica e correu a abraçar o sobrinho.

– Tive de o fazer, Farouk, para libertar a tua mãe da sua desgraça e poupá-la à humilhação pública. Acredita que ela me ficou profundamente grata por isto. E a memória do teu pai assim o exigia, compreendes? Agora estão juntos e felizes para todo o sempre, na companhia do teu irmãozinho. Crês na bondade de Alá, não crês?

Soluçando, o jovem assentiu com a cabeça.

– A partir de agora, serás meu filho – disse-lhe Omar. – Vem comigo. Adestrar-te-ei nas artes do mar e da guerra e juntos faremos estes animais pagarem pelo mal que hoje nos fizeram.



– *Dom* Francesco, deixe-me apresentar-lhe o Senhor Tenente-de-Mar D. Domingos Xavier de Lima, Major de Esquadra da força naval portuguesa.

À apresentação feita por D. José de Goicoechea, D. Domingos correspondeu com uma respeitosa vénia na direcção do seu interlocutor.

– É uma honra, Senhor Tenente Caracciolo.

O oficial napolitano, porém, explodiu numa gargalhada tão sonora que se sobrepôs ao rumor dos convivas, fazendo com que até D. José sentisse um certo embaraço.

– Major de Esquadra? – exclamou, ainda a rir. – Mas é um rapazinho!

– Um rapazinho que se sente privilegiado por conhecer um homem com a vossa bravura, Senhor Tenente – respondeu D. Domingos, sem perder a compostura nem o ar grave. – Espero que tenhais considerado os Portugueses uma digna companhia nesta missão.

Foi a vez de Caracciolo se engasgar.

– Oh! Claro, sem dúvida! Vi-os, do convés do meu xaveco, desembarcar corajosamente debaixo de intenso fogo inimigo e acorrer sem medo aos locais onde o combate era mais aceso... E agora me lembro de já vos ter visto, a bordo de uma das canhoneiras, a fazer-me sinal para me afastar da praia. Mas peço desculpa. Não quis ofender-vos. Acontece, só, que me irritam um pouco todas estas formalidades.

O napolitano virou, então, as costas a D. José e, sem qualquer cerimónia, puxou pelo braço o seu jovem camarada.

– Vem tomar um copo comigo, *Domenico*. Trata-me por Francesco. E, que diabo, deixemo-nos de falar francês. Vós, Portugueses, compreendeis o italiano, e, se falares devagar, também eu te compreenderei. Conta-me como está Lisboa. Passei por lá há uns anos, sabes? A bordo de um navio inglês. Belas raparigas, quase tão bonitas como as Napolitanas! Baixinhas, mas muito meigas. E o vosso vinho também não é mau. Pelo menos, é muito melhor do que esta zurrapa espanhola.

– Bem, a cidade não evoluiu muito nos últimos anos. Estão a terminar-se as obras de reconstrução, que estavam paradas desde a morte de El-Rei D. José, e vamos ter uma nova basílica sobre uma colina da zona oeste. Em tudo o resto, é a mesma de sempre.

– Belíssima, como a minha Nápoles, embora um pouco mais pobre. Mas, tirando isso, é como se fosse sua gémea. E também o vosso povo é semelhante ao nosso: simples, mas hospitaleiro; desorganizado, mas engenhoso. Só um pouco mais sério, diria mesmo mais triste. Já estiveste em Nápoles, *Domenico*?

– Ainda não.

– Tens de lá ir! Vais gostar, tenho a certeza. Nem todos a sabem apreciar, mas quem aprende a amá-la, quem é capaz de a ver sempre bela no seu coração, nunca mais a quer deixar. É como a mulher que nos conquista e é nossa para todo o sempre, mesmo quando nos afastam dela. Tens mulher, *Domenico*?

– Não... Isto é... Tenho uma noiva, mas... – E D. Domingos corou ligeiramente. – Ainda não está em idade de casar.

Caracciolo riu novamente.

– Ah, a nobreza tradicional, sempre preocupada com a conservação dos bens e títulos familiares! Aposto que é tua prima. Que idade tem?

– É... é filha da minha irmã mais velha. Tem... oito anos.

– Bem – ironizou o napolitano –, só tens de esperar outros tantos.

– E, de repente, ficou sério. – Eu terei de esperar mais tempo. Talvez o resto da minha vida.

O jovem oficial português olhou-o fixamente, curioso por ouvir mais. Caracciolo prosseguiu:

– A minha bela Mariu também é jovem, mas já é mulher feita. Antes de eu partir para Inglaterra, jurámos amor eterno. Porém, quando regresssei, depois de ter combatido os franceses e os insurrectos

Americanos, já a família dela a tinha casado com um boticário muito mais velho.

D. Domingos estava boquiaberto. Custava-lhe a crer que aquele homem rijo, seco e temperado pelas lides de mar, junto do qual se sentia um garoto, pudesse expor a sua intimidade de modo tão espontâneo. Mas a verdade é que estas confidências começavam a deixá-lo pouco à vontade, pelo que decidiu desviar o rumo da conversa:

– Estivestes, então, com os ingleses, senhor... hum... Francesco? Que tal os achastes?

– Gostei de trabalhar com eles. São excelentes profissionais, embora muito frios. E não devemos esquecer que, sem olvidar o empenho do nosso Rei Carlos III em adquirir bons navios para enfrentar os ataques dos piratas argelinos, é a um inglês que devemos a reorganização e o reforço da marinha napolitana.

– Ah, sim, *Sir* John Acton, o vosso Ministro da Marinha. Foi ele quem vos enviou para Inglaterra?

– Sim. A mim e a outros. O objectivo foi o de criar uma nova geração de oficiais, formados na marinha de Sua Majestade Britânica.

– O que é muito conveniente para afastar de Nápoles as influências espanhola e francesa, ou não fosse o vosso rei um Borbón de Espanha.

– Oh, sim – admitiu Caracciolo. – Mas se Carlos sempre foi espanhol, e hoje é o rei de Espanha, o seu filho Fernando é um verdadeiro Napolitano, nascido e criado em Nápoles. É um rei do Povo, que fala em dialecto com a gente da rua. Talvez por isso os ingleses tenham achado que era o momento certo para avançar.

– Mas cuidado, meu caro: eles só deixarão a vossa esquadra desenvolver-se até onde lhes for conveniente, pois nunca hão-de admitir que os seus aliados rivalizem com eles no mar. Basta ver a desconfiança com que olham a nossa marinha. Por um lado, dá-lhes jeito que nós, os seus mais antigos aliados, lhes prestemos auxílio, com homens e navios, quando e onde eles quiserem; por outro, fazem questão de nos ver sempre numa posição subalterna e dependente.

O napolitano fez um gesto de assentimento.

– Não penses que tenho ilusões. Eu sei que lhes dá jeito ter portos de abrigo e estaleiros no meio do Mediterrâneo, de modo que possam pressionar de dois lados a Espanha e a França. Mas se visses o que a nossa marinha cresceu nos últimos cinco anos! Não sou homem de

política, mas acredita que tenho muito orgulho naquilo que hoje somos e de estar aqui, ombro a ombro, com duas das maiores potências navais da Europa. Tenho a certeza de que havemos de fazer grandes coisas.

O diálogo foi, nesse momento, interrompido pela chegada de Ramires Esquível.

– Lamento estragar-lhe a festa, meu jovem – disse a D. Domingos, depois de saudar Caracciolo –, mas é tempo de partir. Uma vez que estava ocupado, tomei a liberdade de mandar vir uma carruagem para nos levar ao porto.

– Tem mesmo de levar já o meu amigo, Almirante? – fingiu protestar o napolitano. – Logo agora que estava a ensiná-lo a beber como um homem?

– Infelizmente – insistiu o coronel-do-mar. – Temos ainda uns dias de patrulha pela frente.

– Pensei que a guerra já tinha acabado.

– Ficam sempre na costa alguns corsários mouros a que é preciso dar caça.

E, após nova saudação, o comandante português retirou-se. D. Domingos fez uma vénia ao seu novo amigo.

– Tive muito gosto, Senhor Tenente. Espero poder encontrá-lo de novo.

Caracciolo, porém, pôs-lhe as mãos sobre os ombros e beijou-o em ambas as faces.

– És um bom rapaz, *Domenico*, e tenho a certeza de que vais ser um grande oficial. Há em ti qualquer coisa que me faz simpatizar contigo. E isto é algo que um Napolitano não diz a toda a gente. Não te esqueças que tens de ir conhecer a minha cidade. Farei questão de te receber condignamente.

– Até à vista, Francesco.

E D. Domingos afastou-se, a passos largos, no encalço do seu chefe.

– Vemo-nos em Nápoles! – gritou Caracciolo do fundo da sala.